

# Índios preservam palmito e descobrem novo sustento

JORGE LUCURCI

**SÃO SEBASTIÃO** — Os guaranis da Reserva Indígena Rio Silveira, em São Sebastião, parecem ter encontrado a solução para preservar a Mata Atlântica e garantir o sustento da aldeia. Trocaram o palmito, que está desaparecendo e que vendiam às margens da rodovia Rio-Santos, pela helicônia, uma planta nativa, de flores vermelhas e bonitas, que está sendo comercializada nos restaurantes, hotéis e pousadas do município. Com criatividade, resolveram dois problemas. Preservam o palmito e conseguem dinheiro para as necessidades básicas, com uma vantagem: a helicônia se reproduz durante quase o ano todo, ao contrário do palmito, que leva oito anos para atingir o ponto de corte e depois de cortado não brota mais.

A idéia de colher helicônias nasceu há dois anos. No início os índios resistiram, afinal, a planta sempre esteve ao lado deles e jamais souberam de alguém que tivesse dado valor àquela plantinha que todos chamam de bico-de-papagaio. Mas, com poucas alternativas de sobrevivência e vendo o palmito desaparecer, aceitaram testar a nova opção e deram o nome à iniciativa de Projeto Peguá-óó-Poty, o nome indígena da helicônia.

## Técnicas

O agrônomo Maurício Rúbio Pinto, da Casa da Agricultura de São Sebastião, ensinou as técnicas de produção e colheita aos índios. Em pouco tempo as helicônias começaram a dar lucro. Em seguida foi criada uma Organização Não-Governamental (ONG) para auxiliar os índios na comercialização, levantamento de fundos para a nova cultura e busca de apoio dos órgãos oficiais. A Prefeitura de São Sebastião apoiou a iniciativa.

Atualmente, todas as sextas-feiras, uma Kombi da Prefeitura vai até a aldeia e leva para a cidade os índios e as flores. Os hotéis e restaurantes pagam R\$ 5 o maço com seis flores, que dão colorido à decoração interna e agradam aos turistas. Agora os índios querem vender mais, porém precisam de outra Kombi para ampliar os negócios e conquistar novos clientes.

O agrônomo diz que cada maço recolhido equivale a um pé de palmito a mais na serra e se entusiasma quando vê as novas mudas crescendo. "A helicônia não corre o risco

de extinção como o palmito. Dessa forma, se os índios juntam 10 maços por semana, são 10 pés de palmito que não são cortados. Por isso precisamos aumentar a produção de helicônias, para assegurar o sustento dos índios".

A ONG tem até uma pessoa encarregada de buscar novos clientes, Heloisa Conceição, que luta para convencer a Prefeitura de Bertiooga a ceder uma segunda Kombi. "Com outro veículo pode-

mos levar flores para o comércio daquela cidade e conseguir mais recursos para os índios". E os negócios na aldeia estão indo tão bem que, além das flores, os guaranis já estão começando a comercializar mudas para turistas. "Começamos apenas com nove famílias envolvidas na produção. Hoje, diz Heloisa, toda a aldeia ajuda no trabalho. São 250 pessoas, gente suficiente para que todo o Litoral, de Santos à Ubatuba, possa ser atendido.



**CRIANÇAS** da aldeia participam do projeto, colhendo helicônias

## Garantia de sobrevivência

Desde que o branco chegou, os índios vivem um drama. Com espaço cada vez mais limitado e sem alternativas de sobrevivência comem o que conseguem plantar, arranjam dinheiro vendendo artesanato ou tirando palmito da Serra do Mar, pressionados por quadrilhas de palmiteiros que compram a "produção". Conscientes de que o futuro não é muito promissor para a preservação, já estavam testando outras alternativas de sobrevivência, como a criação de peixes em tanques, de aves, plantio de hortas, várias espécies de

banana e da palmeira açaí, antes da descoberta da helicônia.

Os índios guaranis também viam um dilema: tirando palmito conseguiam sobreviver, mas a cada árvore cortada diminuía ainda mais suas alternativas de alimentação e sustentação econômica. Agora, com a helicônia, podem reverter o quadro. Para a aldeia, o projeto Peguá-óó-Poty pode criar novas alternativas de uso dos recursos naturais, além de difundir uma das belas plantas nativas da Mata Atlântica e ajudar a preservar a floresta.